



- Os partidos tradicionais, os que estão chegando agora (como o Novo) e movimentos cívicos (como o Agora) nunca tiveram tanta dificuldade para construir uma candidatura viável à presidência da República. O PSDB, por exemplo, padece de falta de ousadia, de renovação. Depois de viver momentos de tensão e atrito entre seus caciques, vai para sua convenção no dia 9 de dezembro dividido. Tenta salvar sua unidade entregando o timão - e tudo indica, também, a candidatura presidencial - ao governador Geraldo Alckmin, até hoje incapaz de entusiasmar o eleitorado.
- O Agora, que tem entre seus fundadores figuras de expressão da elite paulista, sonhou em lançar Luciano Huck, mas a realidade falou mais alto. Ele ainda não está pronto. Entendeu que não basta vencer a eleição - o que, aliás, é o menos difícil. É preciso governar, e é aí que as coisas se complicam. Não há “salvador da pátria” no nosso presidencialismo de coalizão. O que pode haver é gente preparada para lidar com a degradação política que esse sistema gera e se traduz no “toma, lá dá cá”. O ex-presidente Fernando Henrique tinha esse preparo. O ex-presidente Lula, não. E a maior prova disso é a atual crise, consequência de erros e omissões da era petista, muitos dos quais se tornaram casos de polícia. PMDB, DEM, PP, PR e outros partidos menores estão mais preocupados em conquistar cadeiras no parlamento do que disputar a presidência, porque é assim que farão parte do próximo governo, seja ele qual for.
- Mas tanto Fernando Henrique quanto Lula estão ultrapassados, pertencem a outro tempo. O partido Novo de João Amoêdo ainda é novo demais, não saiu da casca. Jair Bolsonaro é o novo com cara de velho. Cresceu alimentado pelas redes sociais e pelo desejo de vingança de uma classe média que vê na força a solução para corrupção, segurança pública e saúde. A esquerda perdeu o discurso e o fôlego. O País deseja algo novo que até agora nem os partidos nem os movimentos sociais foram capazes de oferecer.

- A única novidade concreta é o juiz Sérgio Moro, que não é político nem líder de movimento social. Há quem acredite que o juiz possa vir a ser candidato a presidente, o que é improvável, porque ele não quer, mas é certo que a Lava Jato produzirá candidatos ao Legislativo. O grupo de Curitiba acabou forçando a renovação da política ao moer reputações como as de Lula e Aécio Neves e dos principais líderes do PMDB. Veio a crise política e ninguém conseguiu construir uma candidatura que estivesse sintonizada com as ruas e com as redes sociais e que, acima de tudo, fosse viável.
- Em nome da estabilidade, a presidência pode acabar caindo no colo de quem não é novidade, mas que tenha preparo para tirar o Brasil da crise e lidar com o lado degradante da política sem se sujar. Em abril, quando as candidaturas estarão definidas, ficará claro quem poderá ocupar esse espaço. Por enquanto, o melhor a fazer é torcer para não aparecer um “salvador da pátria”, como aconteceu em 1989.

Fonte: FECOMERCIO

Nota: Em caso de dúvidas, pedimos a gentileza de entrar em contato através do e-mail: sicap@andap.org.br, ou preenchendo o formulário de consulta em nossos sites: www.andap.org.br ou www.sicap-sp.org.br